



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ESCOLA COMO TECIDO DE RELAÇÕES HUMANAS: SABERES E EXPERIÊNCIAS PARA ALÉM DO “LER E ESCREVER”

Dannyel Brunno Herculano Rezende

*PIBID - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
drezende@bol.com.br*

Júlia Avelino de Almeida

*PIBID - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
avelino.julia@gmail.com*

Márcio José Fontes da Silva

*PIBID - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
marciofontesjf@hotmail.com*

Resumo:

A presente pesquisa toma como campo de reflexão as atividades pedagógicas desenvolvidas pelo PIBID/Ciências Sociais da UFRN no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense (Natal/RN). Partindo da constatação de que a escola não se constitui apenas como espaço do trabalho ou do estudo, mas também de relações sociais mais diversas, — em boa parte como aprendizado não-formal —, pretende-se analisar, à luz das reflexões de Paulo Freire sobre a educação, a vivência escolar dos alunos do Atheneu Norte-Rio-Grandense. A atual investigação faz um percurso nas leituras de Paulo Freire que auxiliam a pensar as relações no campo da educação para além do simplesmente “ler e escrever”, mas guiados nas dimensões da sociabilidade, da afetividade e da construção dos sujeitos humanos no espaço escolar. Essa leitura dialoga com o registro de campo, as anotações sobre a escola, conversas, nas muitas vezes informais, com os alunos e documentos fotográficos construídos durante as intervenções do PIBID na instituição. A coleta dos dados se deu através de visitas à escola com um caráter “etnográfico”, isto é, voltado para a caracterização e registro das informações pertinentes à realidade escolar. Ponto importante durante a fase etnográfica foi o contato com os alunos, abordagem, em muito, espontânea de ambas as partes, ao que fez despertar o interesse para a dimensão humana que subjaz as relações no ambiente da escola.

Palavras-chave: Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense, Paulo Freire, vivências humanas.

*Começai, portanto, por melhor estudar vossos alunos,
pois com toda certeza não os conheceis;*

ROUSSEAU, J. J.

1. Introdução

O presente artigo toma como campo de reflexão as atividades pedagógicas empreendidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em Ciências Sociais (PIBID/CS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense (Natal/RN) durante o ano de 2014. São experiências docentes que visam qualificar melhor os alunos de licenciatura por meio do contato direto com a realidade escolar e, mais precisamente, com a disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

A presença constante dos futuros docentes em Sociologia no Atheneu fez despertar o interesse para as distintas realidades existentes no ambiente escolar. As diferentes alternativas de construção do saber em seu espaço físico, desde a sala de aula até o refeitório, aguçaram os olhares dos docentes para as inúmeras e possíveis relações que são diariamente construídas, desconstruídas e reconstruídas no interior da escola. Observou-se que escola ensina de diferentes maneiras. Pois, os saberes que nela são possíveis, não são apenas os conhecimentos formais da matemática ou do português, mas, também, os saberes relacionais advindos das inúmeras experiências conjuntas que os diferentes sujeitos, nos variados espaços sociais, são capazes de elaborar.

A escola é, assim, um ambiente importante da sociabilidade e da socialização de conhecimentos humanos. Um espaço marcado pelos diálogos, amizades, amorosidades e embates relacionais travados na cotidianidade. Os saberes advindos das relações e vivências dos estudantes são fundamentais para a sua vida, pois são experiências que os preparam para a sociedade. A sociabilidade construída, decorrentes de tais relações, é um fator de relevância a ser discutido, porque amplia as possibilidades para melhor entender o universo dos alunos em sua fase escolar.

Nesse sentido, é que se busca entender as experiências vivenciais dos alunos do Atheneu Norte Rio-Grandense, com foco às relações sociais que acontecem no interior da escola, as quais vão para além do simples estudo disciplinar formal. Entende-se, aqui, que a docência se faz, tanto quanto melhor, a partir do conhecimento que se tem do aluno e de sua vida. Do contexto social no qual está inserido, do conhecimento razoável de seu universo vocabular, cultural e sua visão de mundo. Expressão de seus gostos e desejos, interesses e modos de ser.

Procurar compreender suas experiências, ainda que manifestas restritamente em um espaço institucional, se constitui como possibilidade real de alcançar o aluno. Construir metodologia e estratégias que os atinjam. Entender melhor os afetos e aproximar-se dele. É sentindo-se bem na escola que o aluno espontaneamente manifesta-se, vivencia as relações e também aprende. Socializa-se.

2. Metodologia

Nas atividades desenvolvidas pelo programa de bolsas no Colégio do Atheneu, o conhecimento sobre a escola foi feito por meio de um estudo “etnográfico”, isto é, os futuros professores iniciaram um processo de descoberta do campo educacional através de sucessivas visitas à escola. Isso significou a realização de conversas com alunos, professores, funcionários e administração. Sendo o material coletado e registrado por meio de anotações, fotografias, entre outros.

Além desses recursos, de caráter metodológico, que serviram para construir o trabalho ora em mãos, a pesquisa assenta-se em uma bibliografia que procura estabelecer um diálogo com o pensamento de Paulo Freire (1986; 1990; 1996; 2005; 2013), para o qual a educação não se restringe ao conteúdo sequenciado, ministrado na e pela escola. Corresponde a toda uma vivência do homem. A educação apresenta conexões com a vida e não pode se constituir em distância a ela. Um nome importante nos estudos sobre Freire e a educação popular é do educador Moacir Gadotti (2005; 2007). Referência relevante para o desenvolvimento das ideias aqui presentes.

Nunca é demais lembrar que Paulo Freire foi um defensor da escola pública, que é a escola da maioria, das periferias dos cidadãos, que só podem contar com ela. Ele a entendia como escola pública popular, como “escola cidadã” (GADOTTI, 2007).

3. O PIBID de Ciências Sociais e o Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense: caracterização institucional, docência e discência

O PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, é uma proposta do Ministério da Educação e Cultura (MEC), junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Governo Federal, que incentiva os alunos das licenciaturas das Universidades Federais para que tenham uma melhor formação profissional

voltada à Educação Básica, inserindo-os na realidade da escola e estimulando-os à participação em atividades formativas, bem como busca capacitá-los cada vez mais ao exercício docente.

Nesse contexto, dentre os vários subprojetos do PIBID está o de Ciências Sociais da UFRN (PIBID/CS), atualmente inserido nas escolas estaduais do Rio Grande do Norte: Anísio Teixeira, Atheneu Norte-Rio-Grandense e Escola Berilo Wanderley, contando com a participação de 32 bolsistas, 3 professores-supervisores que atuam no ensino médio nas escolas supracitadas, sendo eles: Professor Ms. Augusto Vieira, Professor Ms. Dannyel Rezende e Professor Ms. Gustavo Petrovich e mais 2 Coordenadores: Professora Dra. Ana Patrícia Dias e Professor Dr. Douglas Araújo.

O subprojeto de CS está dividido em três subgrupos: “Leituras Sociais”, que pretende oferecer um melhor suporte na leitura e escrita voltada para a Sociologia; “Teatro do Oprimido”, que têm como características o exercício da criatividade e a consciência do corpo; e o subgrupo “Análise de Imagens” cujo objetivo é analisar e formar um olhar crítico sobre as imagens, criando, de modo geral, debates em torno de questões que sejam relevantes à sociologia (ALMEIDA, 2014).

Pode-se dizer que o subprojeto de CS está organizado em reuniões semanais, gerais, que acontecem às sextas-feiras pela manhã, nas quais se leem textos, se discutem as intervenções feitas pelos bolsistas nas escolas e planejam-se futuras ações. Há as reuniões por subgrupos, que ocorrem quinzenalmente para discutir textos específicos, pensar exercícios e aprofundar saberes nas áreas e há, também, as reuniões organizadas por escolas, as quais existem em alternância a essas últimas. São utilizadas para debater os planejamentos e orientar as intervenções nas escolas.

O PIBID/CS, ao buscar incentivar à docência, objetiva construir uma prática docente permanente que dialogue com a realidade das escolas e fomentem a construção e o aperfeiçoamento de metodologias que sejam relevantes na abordagem da sociologia na rede pública. Desse modo, pensando em uma formação cada vez mais consistente, o programa possibilita aos futuros professores uma importante imersão em sala de aula para que entrem, desde o início de sua profissionalização, em contato com o universo educacional básico, articulando teorias e práticas e promovendo trocas de experiências com os alunos e professores das escolas (ALMEIDA, 2014).

É, portanto, um destacado incentivo à prática de ser professor direcionada ao campo do Ensino Médio, melhorando a qualidade da formação de futuros docentes; potencializando o nível da licenciatura na universidade; investindo na escola pública, ao tentar transpor o gigantesco “muro” que a separa do meio acadêmico, como se fossem instâncias produtoras de saberes não relacionais; bem como possibilitando à educação novos caminhos para pensar a sociologia no Rio Grande do Norte (ALMEIDA, 2014).

Das instituições escolares acima citadas, a experiência docente se deu no Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense. A escola está localizada no Município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, foi fundada no século XIX, em 1834, e é considerada a segunda mais antiga do Brasil (a primeira é o Ginásio Pernambucano, de 1825), fundada antes mesmo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (CASCUDO, 1961). Conforme Cascudo (1961), a palavra “Atheneu” faz referência ao “templo de Atenas” que na mitologia grega reporta-se à “deusa da sabedoria”. Pela escola já estudaram muitas personalidades de destaque do estado como Newton Navarro, Café Filho, Wilma de Farias e o atual Ministro da Previdência, Garibaldi Alves Filho.

Localizado em um bairro considerado de classe média alta, a antiga “Cidade Alta”, hoje centro comercial, o colégio conta com cerca de 1.132 alunos, nos turnos Matutino e Vespertino, sendo 18 turmas pela manhã e 10 turmas à tarde. O corpo docente conta com 43 professores e a administração com 25 funcionários, sendo 12 terceirizados e 13 concursados. A escola apresenta um formato de um “X” e possui, em termos de estrutura, 39 salas. Dessas salas, 18 como sendo propriamente salas de aulas e as demais divididas entre laboratório de informática, química, física e matemática, biblioteca, sala de vídeo, artes e música, sala de professores, coordenação pedagógica, direção, grêmio estudantil, cozinha, banheiros, etc.



Figura 1. Atheneu, imagem antiga. Fonte: sandrofurtado.com.br



Figura 2. Atheneu, imagem recente. Fonte: nataldeotem.blogspot.com

rédio recentemente passou por uma reforma, o qual por se tratar de um tombamento, exigiu-se maior cuidado, visando manter a arquitetura original da escola. Com os investimentos do Governo do estado, buscou-se tornar a escola mais apta funcionalmente à realidade de todos, o que, após tais esforços, a instituição passou a contar, — além dos espaços que foram replanejados, como a quadra e o ginásio —, com um grande refeitório, um elevador e rampas de acessos, adequando o ambiente escolar aos alunos com mobilidade reduzida e tornando seus espaços mais democráticos.

A reformulação dos espaços físicos, — importante para a sociabilidade de todos, mas, sobretudo, de quão agradável ficou para os alunos, pois os ambientes são geradores de relações simbólicas —, por meio dos esforços do Governo do Estado, colocaram em relevância o que Paulo Freire (Apud GADOTTI, 2007) tanto chamou atenção para “a importância da boniteza das escolas” e a “a importância formadora dos espaços”. Nesse sentido, “É incrível que não imaginemos a significação do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (GADOTTI, 2007).

Com relação ao corpo docente, o quadro geral é bastante amadurecido, isto é, formado por professores com muitas experiências e em fase de aposentadoria. De maneira abrangente, os docentes compõem a classe média da cidade, com alguns residindo no próprio bairro, onde está instalada a escola. Há entre eles um sentimento de pertença à instituição, pois se trata de um estabelecimento tradicional do estado, a qual durante décadas construiu um nome, formando pessoas ilustres do RN, bem como se destacando por abrigar, em tempos idos, professores e intelectuais da envergadura de um “Câmara Cascudo”.

Os discentes, por sua vez, destacam-se por serem bem receptivos, curiosos e dinâmicos. Em trabalho de “etnografia”, os alunos mostraram-se atentos em destacar os espaços que a escola possui, assim como, em diálogos, trouxeram informações gerais sobre o corpo docente, a estrutura da escola e, até mesmo, os embates, representados pelo grêmio estudantil com a gestão escolar. Em sua maioria, são oriundos dos bairros populares de Natal, distribuídos, sobretudo, na Zona Norte, Oeste e Leste da cidade, assim como muitos advêm das cidades vizinhas, destacadamente os Municípios de São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Macaíba e Parnamirim, que compõe a região Metropolitana de Natal.

4. Um tecido de relações humanas: a escola como espaço vivencial de construção de saberes.

Conforme pensa Paulo Freire “a escola é o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...”. É o lugar de construção de relações humanas, uma vez que o fundamental “não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar laços de camaradagem, é conviver”¹. A escola é, assim, um lugar para se encontrar, para conversar, distrair-se, confrontar-se com o outro, debater e discordar, é também lugar para se fazer política (GADOTTI, 2007).

Paulo Freire trouxe importantes contribuições para pensar a escola. Sabia que não era somente em seu interior que o aprender se realizava. O processo de aprendizagem acontecia em todos os lugares e das mais variadas formas, uma vez que o saber existia, e existe, não apenas em sua formalidade: há saberes advindos de experiências formais e há saberes obtidos através de processos de aprendizagens não-formais. Entendia, pois, que era possível pensar a necessidade de uma educação “formal”, assim como a importância de uma educação “não-formal” ao refletir sobre o ambiente da escola.

Nesse sentido, por “educação formal”, de acordo com Moacyr Gadotti (2005), entende-se normalmente como o conjunto de atividades educacionais com objetivos claros e específicos e é representada especialmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma orientação educacional forte, como o currículo, que é hierarquicamente e burocraticamente determinada em nível nacional por órgãos como o Ministério da Educação. Por outro lado, a educação não-formal é compreendida como sendo mais difusa e menos hierárquica e burocrática. Não precisa, necessariamente, seguir um sistema sequencial de progressão e tem duração de tempo variável.

Ainda conforme Gadotti (2005), toda educação é de certa forma educação formal, no sentido de ser intencional. Porém, de modo geral, o cenário pode ser diferente²: a escola é o espaço por excelência da formalidade ou regularidade; já, a cidade é marcada pela informalidade ou eventualidade. Na realidade, são múltiplos os espaços da educação não formal, como as ONGs, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos, as associações de bairros, a mídia, etc.

¹ Paulo Freire, Poema: “A escola”.

² De acordo com Gadotti, essa afirmação é posta mais no sentido da necessidade em demarcar um espaço conceitual para melhor trabalhar o termo. Todavia, sabe-se, estritamente, que o formal e o não formal coexistem em mesmo espaço.

Tanto a educação formal quanto a não-formal coexistem na escola. Desse modo, é simplista pensar que a escola é o lugar de exclusividade da educação formal, “como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, ‘o extra-escolar’” (GADOTTI, 2005). A escola, com efeito, é considerada o ambiente da “formalidade” pelo seu currículo e regularidade, porém é o espaço concomitante de experiências “informais” ou assistemáticas. Pois, como diz Paulo Freire, em importância,

se tivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1996).

É justamente nesse contexto que se observa as experiências dos estudantes do Atheneu Norte-Rio-Grandense. A pesquisa contemplou os alunos do turno vespertino das séries dos 1º, 2º e 3º anos, cujas idades variavam entre 15 a 18 anos. No horário da tarde, conforme já referenciamos, a escola apresentava-se distribuída em oito turmas com uma média de quarenta alunos por sala, nos seguintes termos: 4 turmas do 1º ano; 2 turmas do 2º ano e 2 turmas do 3º ano.

Entende-se que o espaço da escola não é apenas físico, mas simbólico e/ou relacional e que está em permanente construção e reconstrução, dada as possibilidades de relações que são tecidas no decorrer do ano, possibilidades relacionais estas pensadas, sobretudo, entre os próprios alunos. Evidentemente que os momentos de lazer e festas são salutares à construção de relações, pois as potencializam. Mas, também os momentos de crise e discordância entre eles, evidenciam aprendizados e oportunidades reais para repensar a atuação humana fora e dentro do recinto escolar.

No interior da escola, e isto é importante ressaltar, o espaço físico da sala de aula é visto como o primeiro espaço da aprendizagem. Mais especificamente, o ambiente, por excelência, de construção do saber formal e sequenciado. É, porém, o lugar de condição de emergência de afinidades e não afinidades entre pessoas, relações, — entre alunos e entre alunos e professores. Nesse sentido, na sala de aula, o informal acontece, como bem acentuou Gadotti acima, basta prestar atenção para as inúmeras possibilidades de saberes que emergem durante as conversas “paralelas”, as pequenas brincadeiras, os olhares “disfarçados” e as



possibilidades de amizades e namoros que encontram razões de existirem e serem alimentadas no compartilhamento das tarefas.

A sala de aula é, com efeito, ambiente físico de possibilidades relacionais. Contudo, para além dela, a escola conta com os pátios, os corredores, as escadarias, o refeitório, o ginásio, a quadra de esporte, a portaria, os recantos de paredes, a sala do grêmio, o espaço da rádio escolar, etc., que ensejam possibilidades relacionais e socializantes.

Os alunos do Atheneu Norte-Rio-Grandense, assim como, os milhares de jovens em todo o país em mesma idade escolar, costumam ficar “amontoados” nos mais variados ambientes da escola. É comum a formação de grupos, a partir das variadas afinidades que são construídas, reconstruídas e percebidas entre eles (figuras 3 e 4). A construção dessas “comunidades”, inclusive, se estende para as redes sociais, alcançando o chamado “ciberespaço”, o que, até certo ponto, é uma continuidade dos diálogos traçados no interior da escola.



Figura 3. Alunos reunidos no pátio da escola. 2014.



Figura 4. Alunos reunidos na escadaria da escola, preparando-se para tirar fotos. 2014.

Nessa medida, o PIBID/CS, ao observar e registrar o comportamento dos alunos na escola, bem como estabelecer conversas, preponderantemente informais com muitos deles, durante o ano de 2014, percebeu o quanto rico são as oportunidades de socialização e aprendizado na escola. O quão formador(as) são as conversas no pátio, as brincadeiras nos corredores, os namoros que surgem, os grupos que se formam e compartilham não apenas as alegrias, mas as angústias do dia a dia, os desafios familiares, as experiências com o corpo ou a sexualidade, as preocupações com as provas e trabalhos escolares.

Essa vivência possibilita um aprendizado humano que os preparam para a vida adulta e social. Sabe-se com Durkheim (2013, p. 10) que “a educação é uma socialização da geração jovem”. Nesse sentido, é fato notar a relevância da construção de laços sociais que vão para além da escola, como as amizades e os namoros que podem terminar em casamentos. A solidariedade entre muitos alunos é também um aspecto da dimensão humana que produz vínculos sociais sólidos. Ademais, as agressões e as insatisfações entre eles e com os professores e a direção da escola, — em relações muitas vezes autoritárias —, mexem com o emocional, mas também constroem a necessidade de se organizar, de saber se comunicar, de ouvir pontos de vistas diferentes e da importância de lutar pelos seus objetivos e interesses.

Esse universo de vivência no Atheneu Norte-Rio-Grandense, acentuado pela etnografia do PIBID/CS, é de grande significado para o aprendizado docente, pois de acordo com Rousseau (1995, p. 06), em epígrafe no início deste trabalho, é essencial ao educador conhecer o aluno para melhor educar. Em Rousseau o aprendizado pela experiência é fundamental, dado que a educação deve atender seriamente não apenas aos aspectos físico, intelectual e moral, mas também a vida afetiva, a qual deveria ocupar o mesmo lugar que a razão em uma educação humana (ROUSSEAU, 1995).

Compreende-se que o entendimento das relações que são travadas entre os alunos possibilita ao educador uma maior aproximação com o universo do educando. Permite a ele traçar metodologias e estratégias que os alcancem. Saber seus gostos, costumes, a linguagem que utilizam, aflições, namoros, etc., só é possível, diz Freire (2005; 1996), através da atenta observação, do importante diálogo e da crítica permanente. Nesse sentido, Freire deu exemplo evitando os distanciamentos professor-aluno, ao buscar entender o universo do educando por meio do seu “método” (BRANDÃO, 2003), começando pelo vocabulário, pelos gostos, pela realidade contextual geral (FREIRE; MACEDO, 1990; FREIRE; SHOR, 1986).

5. Conclusão

A escola, portanto, não é só um espaço físico, é um tecido de relações humanas. São as relações que dão sentido à escola. Ainda que se tenha dado foco às relações propriamente entre os alunos, por questões metodológicas, sabe-se que no ambiente escolar os relacionamentos vão para além do alunato, ocorre entre eles e os demais profissionais, do estudante ao professor, desses ao zelador, ao porteiro e ao pessoal da cozinha, à secretaria e à direção da escola.

Embora a formalidade também seja preponderante em seu interior, é possível vislumbrar a importância da não-formalidade nesse mesmo espaço. Desde a sala de aula aos demais recintos da escola. Assim, se aprende formalmente e não-formalmente na escola. Acima de tudo, a escola é um espaço de construção de aprendizado para a vida. Daí a importância dos saberes, que e como se constroem, sejam eles quais forem, estejam associados ao universo do aluno. Pois, quem aprende, melhor aprende quando faz sentido, por isso que Paulo Freire (1986) tanto falou de uma “pedagogia situada”.

Pelo aprendizado não-formal, como foi visto, se sabe tão naturalmente, porque se aprende com a própria experiência, realiza-se “o aprendizado concreto dos livros” (FREIRE, 2013).

6. Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Ateneu norte-rio-grandense**, Natal, 1961. Coleção Juvenal Lamartine.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: vozes, 20013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** Institut international des droits de l'enfant (IDE). Suisse, 2005.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o Professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.